

Apresentação do dossiê

Olhar o sol e a morte: contribuições das Ciências Sociais sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil

Profa. Dra. Marta Mendes da Rocha¹

Profa. Dra. Lilian Leite Chaves²

Prof. Dr. Leonardo Barros Soares³

No momento em que escrevemos a apresentação do dossiê que o leitor/a leitora tem em mãos – em fins de 2021 – o Brasil conta 616.691⁴ mortos vítimas da pandemia de Covid-19 que assolou o país e o mundo desde o início de 2020. Mais de 21 milhões de pessoas se recuperaram, muitas delas com sequelas que vão acompanhá-las para o resto de suas vidas. O país, que se encontra entre aqueles com o maior número de mortos em todo o planeta, enfrenta de modo claudicante as variantes do coronavírus que fazem com que a população viva uma espécie de “loop pandêmico”.

Por outro lado, o processo de vacinação em massa ganhou tração a partir de fevereiro de 2021, apesar de todos os esforços do governo federal para sabotá-lo. Entre a esperança e a exaustão, a sociedade brasileira, em sua complexidade multifacetada, se abre como um campo de investigação das ciências sociais.

É nesse contexto que apresentamos o dossiê “Olhar o sol e a morte: reflexões das Ciências Sociais sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil”. Nossa chamada jogava com a famosa frase de La Rochefoucauld, que escreveu que “não se pode olhar fixamente nem o sol, nem a morte”, chamando a atenção para o fato de que as Ciências Sociais – Antropologia, Ciência Política e Sociologia – são convocadas a fazer exatamente o contrário: olhar fixamente, com rigor científico e criticidade, para aspectos de nossa sociedade que, por vezes, não gostaríamos que existissem. Os trabalhos aqui apresentados abordam, a partir de recortes empíricos, teóricos e metodológicos distintos, as vicissitudes que experimentamos enquanto coletividade abatida por anos de crise político-institucional permanente e, desde o início de 2020, pela maior pandemia em um século.

As repercussões da pandemia sobre a educação no Brasil foram abordadas em dois artigos. Em “O trabalho docente e a pandemia de Covid-19: uma investigação nacional com professores do ensino fundamental e médio”, Irapuan Peixoto Lima Filho apresenta resultados de um survey online realizado junto a professores e professoras do ensino básico na rede pública de educação em todo o país. Em “Voltar para qual escola: desafios do ensino público diante da pandemia e os sentidos da educação escolar”, Jéssica Nunes Silva analisa dados obtidos junto a docentes, familiares e estudantes por meio de etnografia online e informações coletadas em veículos de comunicação também com foco no ensino básico, na rede pública de educação de Porto Alegre e região metropolitana. Ambos os artigos analisam os impactos da pandemia, das medidas de distanciamento social e do ensino remoto sobre as condições de trabalho dos docentes. Também discutem questões relevantes relacionadas ao ensino remoto como a sobrecarga de trabalho e as desigualdades de acesso, entre elas as relacionadas a gênero.

Os impactos da pandemia em termos geracionais foram discutidos em dois trabalhos. Em “Os jovens, os velhos e o vírus: reflexões sobre gerações e pandemia”, Ana Paula Marcelino da Silva propõe uma reflexão sobre as consequências da pandemia a partir de um enquadramento intergeracional, articulando as ideias de risco,

1 Marta Mendes da Rocha é professora associada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde coordena o Núcleo de Estudos sobre Política Local (NEPOL).

2 Lilian Leite Chaves é Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília e professora Adjunta do Instituto de Antropologia da Universidade Federal de Roraima.

3 Leonardo Barros Soares é Mestre e Doutor em ciência política pela Universidade Federal de Minas Gerais.

4 Segundo os dados oficiais atualizados em 9 de Dezembro de 2021 e disponíveis no site <https://covid.saude.gov.br/>

cuidado, doença, Estado, vulnerabilidade e geração. Já em “Em tempos de pandemia: reflexões sobre a rotina de duas jovens durante o isolamento social”, Bruna Rossi Koerich, inspirada nos estudos sobre usos do tempo, analisa as mudanças na organização das rotinas juvenis durante o período de isolamento social.

As relações entre vida, morte e política, em seus múltiplos aspectos e desdobramentos foram tema recorrente nos trabalhos ora apresentados. Em “Políticas de vida e morte: a redução do valor dos corpos e o aumento das precariedades humanas no primeiro ano da pandemia”, Talita Aquino mobiliza dados e evidências sobre violência no primeiro ano da pandemia no Brasil para discutir como as desigualdades decorrentes das hierarquias de gênero e do racismo se manifestaram durante a emergência sanitária, agravando situações de precariedade de determinados sujeitos e corpos. Em “A síndrome pós-covid e a desorientação como estratégia”, Bárbara Rossin Costa se vale de dados coletados em artigos científicos, imprensa, sites eletrônicos, cartilhas institucionais e pronunciamentos públicos de políticos para discutir a Síndrome Pós-Covid, expressão usada para se referir às repercussões prolongadas da SARS-CoV-2. A autora argumenta que a desorientação vem sendo utilizada como uma ferramenta política de governo, para ocultar, revelar de forma seletiva, confundir plateias e impedir a atribuição de responsabilidades em relação à gestão da pandemia.

Outros dois artigos abordam os impactos da pandemia sobre grupos que já se encontravam em situação de precariedade e vulnerabilidade antes da emergência. Em “Prisão e(m) pandemia: covid-19, políticas de morte e a produção de resistências”, Lucas Gonzaga do Nascimento mostra, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, como a pandemia afetou o sistema prisional no estado do Rio de Janeiro, intensificando as violações de direitos sobre a população prisional e tornando mais difíceis as articulações e formas de resistência empreendidas por movimentos anti prisionais e familiares de pessoas presas. Em “No dia em que eu caí ninguém entendeu, porque eu era guerreira: maternagem e Síndrome Congênita do Vírus Zika em tempos de Covid-19”, Julia Vilela Garcia analisa os impactos da pandemia sobre a realidade das “mães de micro”, cujas crianças nasceram com a Síndrome Congênita do Vírus Zika em Recife, Pernambuco. Por meio de

dados provenientes de trabalho de campo etnográfico, a autora analisa as narrativas de cansaço, solidão e sofrimento psíquico, intensificadas durante a pandemia devido à suspensão das atividades de reabilitação de seus filhos e ao confinamento e sobrecarga doméstica. Marta Mendes da Rocha, Paula Gomes de Almeida et al. analisam como cidades médias, em todo o país, reagiram à crise sanitária, por meio de uma investigação das medidas de distanciamento social adotadas pelos governos municipais. O artigo mostra semelhanças e diferenças nas medidas adotadas pelos governos estaduais e pelas capitais em seis dimensões da política de distanciamento, mais uma evidência do protagonismo dos governos subnacionais no combate à pandemia no Brasil.

Completam o dossiê dois artigos que analisam as reações à pandemia sob o prisma da escolaridade e da religião. Em “O enfrentamento espírita da pandemia do Covid-19” André Ricardo de Souza analisa a forma como os espíritas reagiram à pandemia de Covid-19 em comparação com não-espíritas, valendo-se, para tanto, de dados obtidos por meio de um questionário online e de informações levantadas junto a integrantes de centros espíritas da cidade de São Paulo. Em “O ‘isolamento social’ e os níveis de escolaridade: uma discussão do ponto de vista da sociologia da cultura”, Lidiane Soares Rodrigues investiga prováveis incidências de níveis de escolaridade sobre o modo de praticar o ‘isolamento social’ como medida não farmacológica e preventiva à transmissão da Covid-19, a partir de dados produzidos em um *survey online* com moradores do estado de São Paulo.

À guisa de conclusão, uma breve nota metodológica. Os artigos aqui reunidos em sua maioria, baseiam-se em pesquisa empírica, envolvendo trabalho de campo, etnografia, pesquisa documental, surveys, entrevistas e análise de dados secundários. Além disso, o dossiê conta com excelentes trabalhos de caráter ensaístico, retomando a melhor tradição das ciências sociais como um arcabouço amplo de teorias que nos auxiliam a compreender melhor o momento conturbado em que vivemos. As evidências mobilizadas pelos autores e pelas autoras demonstram, de forma contundente, o avassalador impacto da pandemia de Covid-19 em múltiplas dimensões do cotidiano de indivíduos, atores sociais, instituições políticas e governos. Com os artigos ora apresentados, esperamos contribuir para a emergente literatura que abordará aquele que será,

durante muito tempo, lembrado como um período em que uma crise sanitária mundial imprevisível nos encontrou em momento de crise e profundas mudanças, expressas no enfraquecimento das democracias em diferentes partes do mundo, nas sucessivas crises econômicas e no aumento da concentração de renda, na emergência climática e em suas implicações sobre o Estado Nacional e a sociedade, com repercussões ainda a serem conhecidas.

Boa leitura!